

RESEARCH | PEER REVIEWED

Atravessamentos da Racionalidade Neoliberal na Escuta de Musicoterapeutas Brasileiros(as)

Yolanda Aline da Silva ^{1*}, Sheila Beggiano ¹

¹ State University of Paraná (UNESPAR), Brasil

* yolandaaline6@gmail.com

Recebido 5 de agosto de 2025; Aceito 10 de setembro de 2025; Publicado 3 de novembro de 2025

Editores: Juan Pedro Zambonini, Virginia Tosto

Revisoras: Lizandra Maia Gonçalves, Rosemyriam Cunha

Resumo

Nossa sociedade encontra-se imersa em uma racionalidade neoliberal, sofrendo sua influência e alterando as formas de ser e interagir com o mundo. O objetivo desta pesquisa foi compreender se essa racionalidade tem influência na escuta dos musicoterapeutas brasileiros. Este estudo, de natureza exploratória, a partir de uma perspectiva qualitativa, realizou entrevistas semiestruturadas com musicoterapeutas brasileiros com o objetivo de compreender como esses profissionais compreendem o tema da escuta musicoterapêutica e o neoliberalismo como modelo político, econômico e social. A partir dessas entrevistas, percebeu-se que a escuta dos musicoterapeutas está voltada para o preenchimento de prontuários e para o momento atual da sessão, prestando atenção às questões sonoras e musicais e à condição atual da pessoa assistida. Em relação à relação entre a musicoterapia e o tema do neoliberalismo, foram analisadas algumas influências dessa racionalidade na forma como os sujeitos compreendem e interagem entre si, refletindo sobre a profissão e em seus espaços de trabalho. As entrevistas com os musicoterapeutas revelaram que a racionalidade do neoliberalismo tem impacto na escuta desses profissionais, na medida em que modifica as subjetividades e a forma das relações interpessoais de todas as pessoas na sociedade.

Palavras-chave: musicoterapia; neoliberalismo; escuta; subjetividade

Comentário Editorial

Este artigo de pesquisa apresenta e nomeia circunstâncias que são muito familiares para aqueles de nós que crescemos no chamado terceiro mundo, mas que foram convenientemente apagadas das conversas e da maneira como pensamos sobre identidades e relacionamentos em contextos de musicoterapia em outras latitudes do

mundo. O que as visões políticas têm a ver com a maneira como prestamos cuidados e cuidamos uns dos outros? Como isso faz parte do pensamento dos musicoterapeutas? As autoras conectam esses pontos de forma clara e destacam a escuta como uma atitude ética e política que cabe a todos os musicoterapeutas que cuidam dos outros.

Introdução

A musicoterapia é uma abordagem terapêutica que utiliza a música como ferramenta para promover o bem-estar físico, emocional, mental e social dos indivíduos. Envolve a colaboração entre o profissional de musicoterapia (musicoterapeuta), os participantes e a música, buscando aprimorar habilidades e estimular o desenvolvimento pessoal (Arndt et al., 2016).

Ouvir é um ato de consciência que requer atenção para que possamos compreender os diferentes sons que nos rodeiam. A escuta terapêutica é algo mais profundo, na medida em que se percebe não apenas o que é dito explicitamente, mas também o que vem de forma velada, por meio de declarações e posturas não verbais (Cunha, 2001).

As características da musicoterapia baseiam-se na empatia, na aceitação e no reconhecimento incondicional do outro (Coelho, 2002). Os musicoterapeutas, em sua prática, escutam os aspectos sonoros e musicais que correspondem à condição atual da pessoa que está sendo atendida, analisam-nos (Coelho, 2002; Nascimento, 2001) e, então, buscam interagir, intervir e dialogar com ela (Barcellos, 2016; Hamel, 2006), integrando também a autoescuta da pessoa em tratamento nesse processo. Dessa forma, ela pode perceber suas próprias expressões, incluindo as sonoras e musicais, uma particularidade da musicoterapia, em relação à pessoa assistida (Hamel, 2006).

Ouvir na musicoterapia implica que os terapeutas estejam conscientes das lentes culturais e morais que carregam consigo como pessoa e que recebam e acolham o que emerge, independentemente do conteúdo (Coelho, 2002). Ao escrever sobre como praticar a escuta e como ela pode transformar vidas, Dunker e Thebas (2021) apontam a necessidade de abandonar valores, preconceitos e opiniões formadas para que se possa realmente ouvir, permitindo-se ser conduzido pelo outro e estando aberto para ver quem está ali.

De uma perspectiva social e cultural, os musicoterapeutas são profissionais inseridos em um ambiente social histórico e são influenciados pelo contexto em que vivem. Atualmente, esse ambiente é governado pela racionalidade neoliberal (Dardot e Laval, 2016) que, sucedida por um sistema liberal (que sempre teve como objetivo fortalecer e expandir a economia de mercado), estabeleceu suas raízes nos ideais do livre mercado e no gozo das propriedades privadas, pensando no mercado como um eixo fundamental do vínculo entre as pessoas e ampliando questões relacionadas à liberdade, inovação constante, meritocracia e competição (Dardot e Laval, 2016; Safatle et al., 2021).

Em seu livro *O Capital – Volume 1*, Marx (2015) discute as crises inevitáveis do capitalismo, geradas, em grande parte, pela acumulação de um sistema contraditório que se preocupa com a expansão do capital e a produção de bens, mas não se preocupa em atender às necessidades humanas básicas, causando crises econômicas, desemprego e colapsos no sistema. No entanto, Dardot e Laval (2016) apontam que, para analisar o neoliberalismo, é necessário ampliar os vieses teóricos, uma vez que ele apresenta uma nova configuração do capitalismo, com um “novo conjunto de regras que definem não apenas outro ‘regime de acumulação’, mas também, de forma mais ampla, outra sociedade” (p. 24). Por essa razão, o neoliberalismo pode ser entendido como uma racionalidade. Na visão de Safatle et al. (2021), o neoliberalismo surgiu no chamado Colóquio Walter Lippman, um encontro de liberais na França, que buscava encontrar uma saída para mais uma das crises que o capitalismo enfrentava (Dardot e Laval, 2016). Esse modelo não se

baseia em “[...] reduzir o Estado ao mínimo, mas ao máximo para que ele possa exercer a função de proteger o liberalismo, o livre mercado, o gozo das propriedades privadas e as violações nas políticas públicas” (Medeiros et al., 2023). Para garantir que o capitalismo prospere em suas ramificações, busca-se sempre o maior lucro do capital, mesmo que, segundo os autores (Dardot e Laval, 2016), seja por meios violentos e silenciadores. Repensando a premissa liberal do *laissez-faire*, diante de um afastamento da intervenção do Estado na economia, as pessoas adotariam espontaneamente a livre iniciativa, a competitividade e o empreendedorismo, de modo a não gerar monopólios (Dardot e Laval, 2016; Medeiros et al., 2023).

O neoliberalismo tem se preocupado em produzir essa premissa nas pessoas, caso ela não surja espontaneamente, tornando-se não apenas um modo de gestão político-econômica, mas também uma nova forma de subjetivação (Medeiros et al., 2023). A construção da subjetividade está ligada ao momento histórico em que vivemos (Torre e Amarante, 2001), que afeta diretamente sua construção. O neoliberalismo cria indivíduos, chamados de “empreendedores de si mesmos” (Foucault, 1979), que administram seus relacionamentos e suas vidas da mesma forma que uma empresa, buscando derrotar os concorrentes e visando obter lucro a qualquer custo.

Também descritos como competitivos e buscando estar acima dos outros em todos os momentos, Dardot e Laval (2016) afirmam que esses indivíduos estão sempre se autogerenciando, sendo seus próprios chefes e buscando atribuir valor monetário às suas relações afetivas. Essa nova forma de se posicionar no mundo altera a dinâmica das relações, passando a se basear na competição, no individualismo e na não solidariedade, gerando repercussões na saúde mental e empobrecendo esses laços com conflitos e apatia (Medeiros et al., 2023).

O neoliberalismo cria, então, uma sociedade que esvazia a narrativa do outro, invalidando e não demonstrando solidariedade com o sofrimento alheio (Coelho e Ferreira, 2015; Medeiros et al., 2023) e, conseqüentemente, reduz a capacidade de escuta. Na lógica predatória da disputa, da autossuficiência e das metas inatingíveis, não há apoio social, apenas uma ultraresponsabilidade pelas próprias ações.

Nosso interesse e escolha deste tema resultaram do aprofundamento do tema da escuta por meio de um Projeto de Iniciação Científica realizado em 2021. Durante essa pesquisa, constatamos que havia escassez de materiais sobre escuta em musicoterapia e, entre os que existiam, nenhum deles era recente (Coelho, 2002; Nascimento, 2001). Ao refletir sobre essa forma de escuta, é preciso considerar as influências do ambiente e do contexto histórico-social que cercam os musicoterapeutas, permitindo uma compreensão mais profunda de sua constituição como pessoa e, portanto, como profissional.

Entende-se que o pensamento crítico em relação às questões que envolvem a política é necessário, dada sua influência direta nos modos de vida de todos os cidadãos. Levando em conta que o neoliberalismo transcende um modelo de gestão político-econômico, configurando-se como uma nova forma de produção de subjetividades, remodelando a maneira de se reconhecer no mundo e prejudicando diretamente as relações e os círculos de afeto, buscamos compreender se ele também pode influenciar a escuta dos musicoterapeutas brasileiros.

Método

Este trabalho adota uma abordagem qualitativa de natureza exploratória que visa compreender, a partir da perspectiva dos musicoterapeutas, as possíveis influências da racionalidade neoliberal na constituição da escuta musicoterapêutica.

Optar pela pesquisa qualitativa significa adotar uma abordagem que valoriza a interpretação e a compreensão das experiências subjetivas dos participantes, sem recorrer

à quantificação de dados (Sampieri et al, 2013). Por meio dessa perspectiva, torna-se possível acessar a visão de mundo dos musicoterapeutas entrevistados, explorando o conjunto de crenças, significados, valores e afetos que compõem seu contexto (Minayo, 1994). Sua natureza exploratória visa compreender e descrever as influências da racionalidade neoliberal na constituição da escuta do musicoterapeuta, resultando em um levantamento desses dados (Gerhardt & Silveira, 2009).

Metodologicamente, esta pesquisa é composta por pesquisa de campo, utilizando entrevistas semiestruturadas para coletar informações de musicoterapeutas brasileiros. Na pesquisa de campo, as informações foram coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas com musicoterapeutas brasileiros, realizadas online via plataforma Google Meet, conduzidas por um dos pesquisadores, com gravação de áudio. O modelo de entrevista semiestruturada permite ao pesquisador coletar opiniões, experiências e outras informações, sejam elas objetivas e/ou subjetivas, de cada entrevistado (Boni e Quaresma, 2005). Por ser semiestruturada, ou seja, combinando perguntas abertas e fechadas, permite que os participantes tenham mais espaço para expressar seus pensamentos e sentimentos, bem como concordar ou discordar do conteúdo mencionado.

A seleção dos musicoterapeutas começou pelo site da *União Brasileira das Associações de Musicoterapia* (UBAM)¹, utilizando a aba “Associações de Musicoterapia no Brasil.” Isso possibilitou o acesso aos sites de cada associação, onde selecionamos musicoterapeutas que, de acordo com sua descrição, atuam na área da saúde mental. O contato foi feito por e-mail e telefone celular, com base nos dados fornecidos. Dependendo das respostas dos interessados, foi agendado um dia e horário para as entrevistas.

Também foi utilizada a amostragem em bola de neve (Baldin e Munhoz, 2011), que funciona por meio da indicação de outros participantes por um dos participantes. Para isso, é necessário um intermediário inicial que participará, ou não, da pesquisa. Em seguida, ele localizará e indicará profissionais com o perfil correspondente que, quando selecionados, poderão indicar outros, e dessa forma a amostra se expande, na maioria dos casos, de maneira satisfatória (Baldin e Munhoz, 2011). Esse modelo, segundo Vinuto (2014), tende a ser útil para grupos de difícil acesso.

O número de participantes entrevistados pode ser pensado em termos do modelo qualitativo escolhido para este trabalho, que não prioriza o número de participantes, mas sim a profundidade e a criticidade do assunto a partir de sua perspectiva (Sampieri et al., 2013; Minayo, 2010). Assim, é possível reunir as ideias desses musicoterapeutas de forma significativa, considerando o objeto de estudo desta pesquisa. Esses profissionais foram voluntários ou auto-selecionados, de acordo com a classificação feita por Sampieri et al. (2013). Este modelo de participação é caracterizado pela participação voluntária, por meio de uma convocação feita pelo pesquisador. Os critérios de inclusão para participar da pesquisa foram: ter mais de 18 anos; ter graduação e/ou pós-graduação e e em Musicoterapia; ser brasileiro; trabalhar ou ter trabalhado na área da saúde mental; concordar em participar da pesquisa e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Menores de 18 anos, estrangeiros, profissionais que não possuíam graduação ou pós-graduação em Musicoterapia, que não tinham experiência na área da saúde mental, que não concordaram em participar da pesquisa ou não assinaram o Termo de Consentimento não foram aceitos para esta pesquisa. Esta pesquisa recebeu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Paraná, conforme Parecer nº 6.223.814.

A Análise Temática, conforme proposta por Braun e Clarke (2006), foi escolhida para analisar as informações, pois oferece uma abordagem acessível e flexível a esse processo, uma vez que, com base em identificações, análises e padrões dentro das informações coletadas, ela pode ser detalhada de maneira organizada. Durante o processo de análise,

¹ Disponível em: www.ubammusicoterapia.com.br

podem surgir temas paralelos ao conteúdo da investigação, abrindo espaço para estudá-los ou não. Como não depende de uma base teórica pré-existente, a Análise Temática pode ser um método construtivista, analisando experiências que vêm do que é dito; também pode ser contextualista, reconhecendo os processos de significado dos participantes com base em suas experiências (Braun e Clarke, 2006); assim como outros métodos, que dependerão do marco teórico utilizado pelo pesquisador. Braun e Clarke (2006) destacam a importância de se ter uma demarcação teórica clara na Análise, uma vez que se acredita que cada pessoa atribui um significado ao refletir sobre os dados e suas representações na sociedade. A Análise Temática inclui seis etapas para auxiliar o pesquisador no processo. A primeira consiste em se aproximar das informações coletadas, observando, ouvindo ou lendo as informações obtidas. A segunda etapa é codificar e agrupar essas informações, iniciando um processo de separação dos conteúdos. Na terceira etapa, buscam-se temas dentro desses códigos, analisando-os e considerando possíveis agrupamentos para formar temas amplos. Na quarta etapa, esses temas são analisados e refinados, momento em que pode acontecer que alguns sejam excluídos, outros sejam condensados e dois ou mais temas sejam reunidos em apenas um. Na quinta etapa, eles são definidos e nomeados, e é de grande importância que a essência de cada tema seja capturada e deixada clara na pesquisa, realizando uma análise detalhada individualmente sobre cada um. E, na última etapa, o relatório é produzido, com todos os temas descritos e trabalhados (Braun e Clarke, 2006).

Resultados e Discussão

Entrevistas com Musicoterapeutas

Nove musicoterapeutas brasileiros que trabalham ou trabalharam na área da saúde mental foram entrevistados, após concordarem em ser entrevistados e assinarem o termo de consentimento. As entrevistas ocorreram em setembro e outubro de 2023.

Quanto ao perfil dos entrevistados, dois eram homens e sete eram mulheres; oito eram graduados e apenas um tinha pós-graduação em Musicoterapia; sua experiência variava de 5 a 25 anos de atuação na profissão. Eles eram provenientes de diferentes regiões do Brasil, como Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste. Cada entrevista teve duração média de 45 minutos e todas foram transcritas e formaram o *corpus* para análise.

A análise seguiu seis etapas (Braun e Clark, 2006), sendo a primeira a leitura e análise das transcrições das entrevistas; no segundo passo, alguns assuntos foram pré-selecionados como possíveis temas; no terceiro passo, cada um dos assuntos foi definido; no quarto passo, os subtemas foram criados; e, no quinto passo, o fluxograma foi criado com os temas e subtemas definidos e claros e, finalmente, cada um deles foi descrito e desenvolvido, conforme mostrado na Figura 1.

Figura 1. Temas e subtemas da análise temática.

Fonte: Os autores (2023).

Apresentação e Discussão de Temas

Ao analisar cada entrevista, foram identificados quatro temas decorrentes das perguntas feitas, a saber: escuta, neoliberalismo, relações interpessoais e influências do neoliberalismo na escuta do musicoterapeuta.

Os participantes da pesquisa receberam pseudônimos para preservar suas identidades: Ciano, Fúcsia, Malva, Turquesa, Âmbar, Marsala, Roxo, Esmeralda e Índigo.

Escuta

Atenção

Os subtemas foram selecionados a partir do tema da escuta. O primeiro trata da atenção ao que acontece além do que é musical, ou seja, o musicoterapeuta deve ser capaz de perceber as diferentes manifestações da pessoa que está em terapia, sejam elas verbais ou não verbais, suas expressões faciais e corporais e até mesmo a escolha dos instrumentos que ela faz durante a sessão.

Cunha (2001) esclarece como a escuta terapêutica específica é a percepção do que não é explícito, das manifestações que são feitas de forma velada, incluindo posturas não verbais. Isso foi resumido por Emerald como ouvir “todos os aspectos que dizem respeito à expressão do paciente” (entrevista em 5/9/23).

Ouvir sem julgamentos

O segundo ponto frequentemente mencionado foi ouvir sem julgar, o que, segundo Coelho (2002), é a forma de ouvir que acolhe e não discrimina os outros, deixando de lado as “lentes manchadas” e “despojando-se das próprias suposições,” como mencionado por Fuchsia (entrevista em 13/9/23). Dessa forma, é possível criar um ambiente seguro para que qualquer manifestação seja expressa.

Acolhimento

A acolhida foi destacada como uma parte importante dessa escuta sem julgamentos,

incluindo uma abordagem sensível por parte do musicoterapeuta para ouvir as subjetividades da pessoa à sua frente.

Alguns entrevistados apontaram o sofrimento que sempre acompanha os novos participantes e como o acolhimento é uma parte fundamental do processo terapêutico. Amber observou: “é uma profissão que exige que estejamos atentos à outra pessoa, certo? Estar ciente de cada uma das questões da outra pessoa. Por outro lado, ter uma posição muito egocêntrica, muito narcisista, torna nossa prática profissional muito difícil” (entrevista em 20/10/23).

Dunker e Thebas (2021) apontam que acolher é o primeiro passo que envolve realmente ouvir alguém.

Interação

O musicoterapeuta precisa, além de ouvir, saber interagir com a outra pessoa, sendo capaz de dialogar e se envolver com ela (Hamel, 2006). Turquoise usou o termo “escuta iluminada” para afirmar que, ao mesmo tempo em que se escuta, é necessário interagir com o que surge, “voltando sua musicalidade para a outra pessoa” (entrevista em 29/09/23). Para isso, é necessário se preparar e treinar musicalmente, uma ferramenta essencial para os profissionais, segundo os entrevistados.

Treinamento musical

Para Cyan, é necessário ser capaz de fazer “uma identificação básica do que está acontecendo musicalmente” (entrevista em 18/09/23). Além disso, como mencionou Mauve, não é necessário ser um excelente músico, mas é necessário saber “se virar” com os elementos musicais e estar à vontade para lidar com eles, afinal, eles são parte constituinte do trabalho de musicoterapia (entrevista em 13/10/23).

Posição de poder

Outro tópico levantado no tema da escuta foi a necessidade dos musicoterapeutas se libertarem de estar em uma posição de poder, e é importante que eles não assumam uma postura hierárquica na qual se vejam em uma posição superior à outra pessoa.

A entrevistada Purple destacou que os musicoterapeutas devem ter cuidado para não cair em uma posição que limite o que ouvem, classificando sentimentos e experiências que são mais relevantes do que outros e, portanto, capazes de serem ouvidos. Para ela, isso envolve um lugar ilusório de neutralidade profissional:

A neutralidade não existe, estamos no mundo e nos posicionamos [...] quando desconstruímos essa posição de neutralidade, consequentemente também desconstruímos essa hierarquia, possibilitando processos mais horizontais. (Purple, em entrevista em 25/09/23)

Dunker e Thebas (2021) afirmam que, para começar a ouvir, é necessário tirar as roupas do poder, seja como psicanalista, palhaço ou, neste caso, musicoterapeuta. Não se deve assumir o papel de moralista, querendo encaixar cada pessoa em lugares específicos, tentando formar espelhos de si mesmo, e é por isso que ouvir pode ser entendido como uma “atitude ética e política” (Dunker e Thebas, 2021, p. 43).

Em suma, a escuta terapêutica tem características diferentes que se cruzam e divergem para cada terapeuta, dependendo de sua lente teórica e subjetividade como pessoa. Cada caso atendido influencia a escuta do musicoterapeuta, que, nas palavras de Mauve, é uma “escuta ativa e transformada a cada nova possibilidade que o musicoterapeuta aprende sobre o ser humano” (entrevista em 13/10/23).

Neoliberalismo

No tema do neoliberalismo, as respostas abrangeram aspectos políticos, sociais e econômicos. Mais da metade dos entrevistados associou perspectivas de direita ao capitalismo e alguns afirmaram não ter conhecimento sobre o assunto.

Desigualdade

A desigualdade foi mencionada em várias respostas, sendo destacada como um dos aspectos que mais cresce com o sistema neoliberal. Para Purple, “esse movimento está causando ainda mais desigualdade e violência” (entrevista em 25/09/23) e, com a redução dos programas estatais e o aumento da privatização no Brasil, muitos direitos que deveriam ser garantidos a todos os cidadãos tornam-se privados.

Brown (2019) afirma que as ações do Estado são fundamentais para evitar a privação de direitos, garantindo condições adequadas de existência, como moradia, alimentação, saúde e qualidade de vida. A desigualdade neoliberal se torna tão presente e intrínseca na vida cotidiana que “nos torna mais feudais do que democráticos em nossa subjetividade e ethos” (Brown, 2019, p. 216).

Segundo Amber, os programas de assistência estão, aos poucos, deixando de ser administrados pelo Estado e passando para o mercado, o que leva à “valorização da individualidade, de modo que o empreendedorismo e as ações individuais são muito valorizados, o que acaba se refletindo mais no cotidiano das pessoas do que as ações comunitárias e coletivas” (entrevista em 20/10/23).

Desvalorização das ações coletivas

A redução das agendas/programas sociais também foi mencionada por alguns entrevistados, atribuindo a origem disso ao neoliberalismo. Na pesquisa de Scrine (2019), o musicoterapeuta afirma que a lógica neoliberal transforma questões de diversidade e pluralismo em produtos, proporcionando oportunidades de lucro e criando noções superficiais de igualdade que, aos poucos, despolitizam as pessoas. Com tudo isso, valoriza-se mais a individualidade, de acordo com a maioria dos entrevistados.

Meritocracia

No contexto neoliberal, as ações coletivas são desvalorizadas em relação às ações empreendedoras e individuais, intensificando discursos meritocráticos de que, para alcançar o que se deseja, basta esforço e força de vontade, criando uma grande responsabilidade pelas próprias ações e, no fim das contas, gerando sofrimento (Medeiros et al., 2023). Para Cyan, o neoliberalismo gera “subgrupos que têm poucos interesses coletivos nesse sentido democrático coletivo” (entrevista em 18/09/23). Da mesma forma, Purple disse que “as coisas coletivas não são boas e precisam ser repensadas, de qualquer forma, isso incentiva essa lógica do individualismo, da meritocracia, de cada pessoa ser amplamente responsável por suas conquistas e, se tiver dificuldades, a culpa é dela” (entrevista em 25/9/23).

Relações interpessoais

Ilusão de liberdade/felicidade

No tema das relações interpessoais, um dos pontos destacados foi a ilusão de liberdade e felicidade, influenciada pelas redes sociais que expõem constantemente realidades de vidas que estão longe de seus seguidores. Como cada pessoa é dona de suas escolhas, ela também é responsável por garantir sua felicidade, seu sucesso e seu destino (Dardot e Laval, 2016).

Para os entrevistados, o sistema neoliberal alimenta essa ilusão e afasta as pessoas de

experiências reais e possíveis de felicidade, prazer e bons encontros. Amber apontou que esse efeito ilusório é uma grande armadilha, resultando em sofrimento que levará a distúrbios alimentares, distúrbios de humor e outros distúrbios psicológicos, que Dardot e Laval (2016) descrevem como “estigmatização dos ‘fracassados’, dos ‘perdidos’ e dos infelizes, ou seja, aqueles incapazes de aceitar a norma social da felicidade” (p.367).

Competitividade

A competitividade também foi mencionada, sendo uma característica imposta pelo neoliberalismo à subjetividade de cada pessoa e suas formas de se relacionar, vendo o outro como um adversário constante que precisa ser superado. “Você sempre tem que ser melhor,” disse Indigo (entrevista em 12/9/23). Purple considerou que a racionalidade está sempre focada em “ganhar mais espaço do que a outra pessoa, ganhar, garantir o nosso, isso faz com que as pessoas se distanciem de nós, torna as relações mais superficiais, as pessoas estão muito focadas em cumprir padrões e torna-se ‘cada um por si’...” (entrevista em 25/9/23).

Essas ideias estão alinhadas com o “sujeito neoliberal” descrito por Dardot e Laval (2016, p. 135), que está em constante competição, precisando maximizar seus resultados com seu *ethos* focado em cuidar de si mesmo. Tudo isso aumenta o egoísmo e a falta de empatia, questões expressas nas declarações dos entrevistados, causando uma diminuição dos laços emocionais e criando relações verticais.

Para Purple, gasta-se tanto tempo pensando em questões individuais e no próprio sucesso que não sobra tempo para a solidariedade com os outros (Medeiros et al., 2023) e, assim, “você esquece o poder do coletivo, o poder de vivenciar o processo com outras pessoas” (entrevista em 25/09/23).

Influências do neoliberalismo na escuta da musicoterapia

No tema das possíveis influências do neoliberalismo na escuta do musicoterapeuta, três entrevistados argumentaram que, se o terapeuta estiver comprometido, tiver autopercepção e estiver envolvido no processo, haverá pouca ou nenhuma influência.

Marsala argumentou que “em algum momento, o musicoterapeuta perderá algo, se não estiver envolvido no processo, presente ali” (entrevista em 6/9/23). Para Mauve, no momento da sessão, o musicoterapeuta precisa estar totalmente conectado com a pessoa que está sendo atendida e “silenciar seu próprio ruído interno para poder, de fato, ouvir a outra pessoa” (entrevista em 13/10/23).

Sete dos nove entrevistados afirmaram que a racionalidade neoliberal tem influência na escuta e que, como disse Purple, se “situarmos o musicoterapeuta no mundo, ele será influenciado por essas questões” (entrevista em 25/9/23).

Para os participantes, o musicoterapeuta faz parte da sociedade como sujeito social e, portanto, recebe influências de seu ambiente. No entanto, pensar criticamente e estar ciente dessa realidade pode contribuir para uma escuta mais eficaz e com as características mencionadas acima.

Indigo afirmou que “por mais que eu não concorde com esse sistema, não estou fora dele, estou dentro dele, então ele vai me influenciar” (entrevista em 12/9/23). Turquoise enfatizou que essa influência não é necessariamente ruim, pois significa que o musicoterapeuta faz parte do ambiente e dialoga com ele: “se compartilhamos as construções que são socialmente dadas, que são socialmente compartilhadas, podemos entender a outra pessoa também, porque participamos desse mesmo processo” (entrevista em 29/9/23).

A supervisão e a terapia pessoal foram citadas como opções que podem ajudar a reduzir essas influências e permitir que o musicoterapeuta reflita criticamente sobre seu desempenho. Amber disse que elas são importantes para “nos ajudar a entender onde

estamos em todo esse caos” (entrevista em 20/10/23).

Para Cyan, além dos pontos mencionados anteriormente, também é necessário atualizar constantemente os estudos e o treinamento para ajudar nessa conscientização: “você precisa se treinar e estar ciente de si mesmo, se não fizer isso, não será capaz de lidar com isso” (entrevista em 18/9/23).

Essas práticas ajudam na autopercepção, permitindo que o musicoterapeuta esteja mais consciente de suas interações e intervenções, o que é semelhante à escuta em musicoterapia descrita por Hamel (2006), que envolve, em primeiro lugar, ouvir a si mesmo.

A excelência inatingível imposta pela racionalidade neoliberal também foi mencionada entre suas influências na escuta, criando uma lógica de que os musicoterapeutas devem ser especialistas e, como sujeitos neoliberais, precisam investir em si mesmos o tempo todo e, acima de tudo, superar seus limites (Dardot e Laval, 2016).

Purple afirmou que, do ponto de vista dessa lógica, “você tem que ser um superespecialista em algo, em uma abordagem... se não for, você não é adequado” (entrevista em 25/9/23).

Esse raciocínio corrobora outra questão levantada pelos musicoterapeutas entrevistados, que é o reconhecimento deles e de seu trabalho como um produto que precisa ser vendido, seja por meio de redes sociais com perfis profissionais ou, alternativamente, tratando as pessoas que atendem como produtos que precisam ser consertados e devem ser submetidos a tratamento imediato, sem preocupação com o contexto e as subjetividades dessas pessoas.

Segundo Fuchsia, isso se reflete em práticas que vendem os resultados das pessoas tratadas como se fossem produtos, criando modelos prontos de prática terapêutica e prestando atenção apenas ao diagnóstico dessas pessoas.

Para Amber, o aumento da exposição nas redes sociais está diretamente relacionado ao neoliberalismo, já que, em suas palavras, “o Instagram é uma vitrine para a venda desse produto, que é a sessão de musicoterapia” (entrevista em 20/10/23). Dessa forma, o musicoterapeuta passa a trabalhar apenas com a demanda e o resultado, conforme afirmado por Fuchsia.

De acordo com Parker et al. (2021), era difícil manter seu projeto² no mercado sem se afastar das demandas reais da comunidade, uma vez que é a comunidade que mantém esse trabalho vivo. Comumente, ao entrar na realidade e na lógica do mercado, as decisões passam a ser pensadas sob a ótica do lucro, sem levar em conta as “sutilezas locais.” Nesse cenário, à medida que a racionalidade do capital entra na prática profissional dos musicoterapeutas, o neoliberalismo promove a venda da alma como parte habitual da vida cotidiana, e não como algo atípico (Brown, 2019).

Considerações Finais

O que leva alguém a escolher uma profissão que exige ouvir os outros? Quais são as características da subjetividade dessas pessoas? Acreditamos que a decisão de escolher a profissão de musicoterapeuta já demonstra um interesse em ouvir os outros. A seguir, apresentamos aspectos que aumentam sua estrutura e a especificam em relação a outras formas de escuta.

Os musicoterapeutas entrevistados destacaram aspectos como, por exemplo, a escuta da musicoterapia que interage com a escuta de outros profissionais e que requer habilidades de comunicação interdisciplinar; a escuta que se desenvolve a partir da subjetividade de

² Projeto de cooperação internacional denominado “Música e Resiliência” entre uma ONG palestina no Líbano e uma associação italiana. O objetivo era criar recursos musicais com e para as comunidades de refugiados libaneses.

cada musicoterapeuta como pessoa no mundo, tendo aspectos únicos de cada um; e a escuta que transforma, transforma o musicoterapeuta e transforma a outra pessoa, renovando-se a cada nova experiência e percepção do mundo dessa pessoa.

No tema envolvendo o neoliberalismo, pôde-se perceber que essa racionalidade, sem dúvida, afeta a prática profissional desses musicoterapeutas, pois afeta toda uma sociedade e implica diretamente a subjetividade de cada um, mudando a forma como cada sujeito se reconhece no mundo e, conseqüentemente, se reconhece como musicoterapeuta.

Entendemos a complexidade de “sair” de uma racionalidade que implantou suas raízes diretamente nos processos de subjetivação, mas estar ciente dessas influências é um primeiro passo para ir na direção oposta a ela.

Quando o neoliberalismo incentiva a competição, o egoísmo, a meritocracia e a priorização do lucro acima de tudo, valorizando a maneira empresarial de se administrar, isso pode prejudicar as relações intra e interpessoais, minando os laços de solidariedade, empatia e cuidado. Em uma sociedade onde esses aspectos estão em declínio, parar para ouvir os outros pode ser transformador, e o musicoterapeuta é um profissional capaz de fazer isso, tornando a musicoterapia uma boa opção antagônica ao neoliberalismo.

Esta pesquisa possibilitou identificar ferramentas que podem ser aliadas nesse antagonismo. Empatia, aceitação, disponibilidade, não julgamento e atenção são algumas delas. Essas ferramentas, segundo os entrevistados, são constituintes da escuta musicoterapêutica. Assim, buscamos ampliar a problematização e o pensamento crítico dos musicoterapeutas em relação ao ambiente que os cerca, com o objetivo de refletir sobre a racionalidade atual e suas implicações em suas vidas. Há necessidade de mais estudos sobre o tema da escuta, a fim de examinar maneiras de melhorá-la e até mesmo aprimorá-la.

Sobre as Autoras

Yolanda Aline da Silva é nascida na cidade de Curitiba, Paraná, Brasil. Musicoterapeuta formada pela Universidade Estadual do Paraná e com grande interesse no estudo político e social do meio em que vivemos.

Sheila Beggiato é professora adjunta no Curso de bacharelado em Musicoterapia e no mestrado em Educação Inclusiva, da Universidade Estadual do Paraná. Estuda sobre violências, especialmente violência contra mulheres e Musicoterapia. Também tem interesse em estudos sobre e inclusão, diversidades, equidade e direitos humanos.

Referências

- Arndt, A. D., Cunha, R., & Volpi, S. (2016). Aspectos da prática musicoterapêutica: Contexto social e comunitário em perspectiva. *Psicologia & Sociedade*, 28, 387–395. <https://doi.org/10.1590/1807-03102016v28n2p387>
- Baldin, N., & Munhoz, E. M. B. (2011). Bola de neve: Uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. *Congresso Nacional de Educação*, 10, 329–341. <https://www.yumpu.com/pt/document/view/42237613/snowball-bola-de-neve-uma-tecnica-metodologica->
- Barcellos, L. R. M. (2016). *Quaternos de musicoterapia e coda*. Barcelona Publishers.
- Boni, V., & Quaresma, S. J. (2005). Aprendendo a entrevistar: Como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Em Tese*, 2(1), 68–80.

- <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology [Utilizando a análise temática em psicologia]. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp0630a>
- Brown, W. (2019). Nas ruínas do neoliberalismo: A ascensão da política antidemocrática no Ocidente, tradução Mario A. Marino, Eduardo Altheman C. Santos. São Paulo: Editora Filosófica Politeia.
- Coelho, L. (2002). As escutas em musicoterapia: A escuta como espaço de relação, Dissertação (Mestrado em comunicação e semiótica) – Centro de comunicação e semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. <https://silo.tips/download/escutas-em-musicoterapia-a-escuta-como-espao-de-relaao>
- Coelho, M. E. D. M., & Ferreira, A. C. (2015). Cuidados paliativos: Narrativas do sofrimento na escuta do outro. *Revista Bioética*, 23, 340–348. <https://doi.org/10.1590/1983-80422015232073>
- Cunha, R. (2001). Escuta terapêutica: Sons, silêncios e palavras, *III Fórum paranaense de musicoterapia. II Encontro nacional de Pesquisa em musicoterapia*. Organização AMT/PR. Anais... Curitiba.
- Dardot, P., & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo.
- Dunker, C., & Thebas, C. (2021). *O palhaço e o psicanalista: Como escutar os outros pode transformar vidas*. Planeta Estratégia.
- Foucault, M. (1979). *Nascimento da biopolítica*. Martins Fontes.
- Gerhardt, T. E., & Silveira, D. T. (2009). *Métodos de pesquisa*. Plageder.
- Hamel, N. (2006). Musicoterapia: A escuta terapêutica da linguagem musical. *Revista brasileira de musicoterapia*. <https://doi.org/10.51914/brjmt.8.2006.306>
- Marx, K. (2015). *O Capital – Livro 1: Crítica da economia política. Livro 1: O processo de produção do capital*. Boitempo Editorial.
- Medeiros, J. V. M. C., de Pinho, E. F. M., & de Sousa, J. C. (2023). O discurso neoliberal como formador de laço social e o impacto na saúde mental. *Facit Business and Technology Journal*, 1(41). <https://doi.org/10.29327/2199304.1.41-18>
- Minayo, M. C. D. S. (1994). Quantitativo e qualitativo em indicadores de saúde: Revendo conceitos, em *qualidade de vida: Compromisso histórico da epidemiologia*. Anais do II Congresso Brasileiro de Epidemiologia (25–33).
- Minayo, M. C. S. (2010). *O desafio do conhecimento*, Hucitec.
- Nascimento, M. S. R. (2001). A ‘escuta diferenciada’ das subjetividades do não-aprender: *Ampliando as percepções através da musicoterapia*, emac-ppge/fe-ufg. Comunicação Cultura e processos educacionais.
- Parker, D., Gentili, D., Brown, H., & Balducci, A. (2021). Ajustando o tom: Uma exploração etnográfica da aprendizagem em ação em um projeto internacional de intercâmbio musical. *Voices: A World Forum for Music Therapy*, 21(2). <https://doi.org/10.15845/voices.v21i2.3075>
- Safatle, V., da Silva Junior, N., & Dunker, C. (2021). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Autêntica Editora.
- Sampieri, R. H., Fernández Collado, C., & Baptista lucio, M. D. P. (2013). *Metodologia de pesquisa*. Porto Alegre: Penso
- Scrine, E. (Outubro de 2019). “É como misturar tintas”: Diversidade de gênero na composição musical e culturas de gênero alternativas com jovens como uma

metodologia “pós-queer”. *Voices: A World Forum for Music Therapy*, 19(3). <https://doi.org/10.15845/voices.v19i3.2852>

Torre, E. H. G., & Amarante, P. (2001). Protagonismo e subjetividade: Construção coletiva no campo da saúde mental. *Ciência & Saúde Coletiva*, 6(1), 73
<https://doi.org/10.1590/S1413-81232001000100006>

Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: Um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), 203–220. <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>